

NOAH MORETTI

O CEO QUE ME PROTEGEU

TATIANA AMARAL

AUTORA DA TRILOGIA FUNÇÃO CEO E DA SÉRIE O PROFESSOR

NOAH MORETTI

O CEO QUE ME PROTEGEU

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Tatiana Amaral, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Danielli Guirado

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Renato Klisman

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Amaral, Tatiana

Noah Moretti: o CEO que me protegeu / Tatiana Amaral -
1ª edição - São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-89-2

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Romance



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

“Dizem que quando não conhecemos
o impossível, este não existe.”

Carina Passos

PRÓLOGO

Carreguei meu filho e o envolvi no pequeno cobertor. Ele mal o protegia do frio daquela madrugada em São Paulo, no entanto, o mais importante era manter o rosto dele escondido, e não deixar que o boné que escondia o meu escorregasse.

Caleb me garantiu que naquele horário na rodoviária do Tietê, depois de desviarmos do caminho tantas vezes, passarmos por dois Estados e diversas cidades, não haveria risco. Ainda assim, nada em mim relaxava ou me fazia saborear a sensação de segurança. Tudo era arriscado e continuaria sendo por muito tempo.

Aos seis anos, meu filho não era exatamente uma criança leve, e eu, devido à minha situação, não poderia me classificar como uma mulher forte, entretanto, mantive-o no colo e me obriguei a ignorar a dor nos braços e o cansaço acumulado de tantas noites de vigília. Com passos largos, cortei a rodoviária pouco movimentada e segui o caminho indicado.

Qualquer pessoa, homem ou mulher, com uma criança nos braços, evitaria deixar a rodoviária a pé, como eu fiz, e caminhar por uma direção questionável, cheia de riscos. No entanto, foi o que fiz. Se Caleb fez o que prometeu, em algum momento ele apareceria naquela escuridão. Se não, eu precisaria continuar lutando, como fiz muitas vezes.

Assim que me vi cercada pela noite escura em uma rua deserta, com latas de lixo e amontoados pelo chão que pareciam pessoas que se protegiam da fina garoa e do frio que rachava os ossos, vi a luz de um farol, antes inexistente, piscar duas vezes. Era o meu sinal. Apressei os passos, ignorei

o barulho do solado da bota em meus pés contra as poças de água e segui na direção do carro. A porta destravou no mesmo segundo em que minha mão alcançou a maçaneta. Abri-a com pressa e entrei no banco de trás.

Caleb nada falou e, sem voltar a acender a luz do farol, deu ré no carro e, em poucos segundos, nos colocou na estrada. Afundei no banco traseiro, deitei meu filho, cobri melhor seu corpinho e verifiquei seu sono. O machucado nos lábios infantis ainda estava lá. Um corte com sangue seco que embrulhava meu estômago todas as vezes que as cenas voltavam à minha mente. Fechei os olhos e puxei o ar com força.

— Deu tudo certo — Caleb avisou, sem desviar os olhos da estrada. — Eles ainda estão te procurando no sul. Não fazem ideia de que estão aqui.

— Quanto tempo eu tenho?

— Considerando o que conhecemos do Joel, pouco.

Suspirei com pesar e encarei a noite escura do lado de fora. Não conhecia São Paulo, pelo menos não como alguém que pudesse caminhar por suas ruas sem preocupação. Não fazia ideia do caminho que Caleb tomaria e nem de como era o local onde nos esconderíamos por um tempo.

— Eu detesto dizer isso, mas você precisa do dinheiro. O que sobrou mal dará para vocês sobreviverem, e eu não posso ajudar além do que já ajudei. Se o Joel souber da minha participação...

— Você já fez o bastante, Caleb, obrigada!

— Como você fará?

— Não faço ideia, mas conseguirei. Vou utilizar o tempo que ganhei longe do Joel para levantar a grana.

— Não faça bobagem, ok? Você sabe que ele não poupará recursos para te encontrar.

— Eu sei.

Na mochila, com o pouco que consegui levar para nós dois, havia uma tesoura nova e tinta de cabelo. O primeiro passo era me camuflar, o segundo... deixar o país.

Em silêncio, Caleb nos conduziu até que estivéssemos em ruas estreitas, vazias e silenciosas. Observei o local completamente diferente do qual eu vivia, e, ainda assim, preferia mil vezes um barraco a voltar para casa.

Caleb passou por uma portaria sem proteção, apenas o portão aberto e uma guarita sem porteiros. À frente, contei oito prédios com quatro andares, sem contar o térreo. Simples, discreto e com pessoas o suficiente para passarmos sem chamar atenção.

— É aqui — ele avisou ao parar o carro em frente ao quarto prédio.
— Vocês ficarão no segundo andar. São quatro apartamentos por andar. Aqui não mora nenhum policial, fiz questão de verificar. Também não tem ameaça de tráfico, o que ajuda quanto à sua localização. E, a melhor parte, você consegue pagar os quatro primeiros meses com o que tem, mas vai precisar de um emprego se não quiser passar fome.

Estremeci. Eu passaria fome se fosse necessário, mas meu filho não. O problema era como fazer aquilo funcionar. Fui embora na primeira e única oportunidade que tive. Nem acreditei que teria forças para fugir, tanto física quanto psicológica. O medo estava em tudo. No entanto, fugi e não poderia voltar. *Não queria.*

— O nome do bairro é Vila Inglesa. Você estudou o roteiro? — ele continuou, sem deixar o carro.

— Sim. Fiz a minha parte.

— Os documentos estão aqui. Trouxe o dinheiro?

— Sim.

Passsei para Caleb o envelope que mantive preso ao corpo até aquele momento. Eu não podia ser roubada, perder nem uma nota, deixar nada faltar. Aguardei enquanto ele se certificava do valor. Caleb me encarou pelo retrovisor e me passou outro envelope com tudo o que precisávamos: a nossa nova vida.

— Você sabe que preciso cobrar, porque quem faz essa parte não sou eu, certo?

— Certo. Não se preocupe, Caleb. Eu concordei com o valor. Não há nada a justificar.

— Mas você precisa do restante. Passaporte, cidadania...

— Eu sei. Farei o possível.

— Seja rápida. Joel ficará mais nervoso à medida que o tempo passar.

— Não se preocupe.

– A chave do apartamento está no envelope. O contrato também. Coloquei no meu nome, aliás, no nome de uma das identidades falsas que uso. Achei mais seguro. Eu disse à proprietária que era para minha irmã viúva e o filho.

– Obrigada, Caleb.

Ajeitei meu filho no colo outra vez, abri a porta do carro e desci com a criança e a mochila. Minhas pernas tremeram. Eu estava no meu limite, ainda assim, caminhei em direção ao prédio, abri a porta e me tranquei do lado de dentro. Aguardei alguns segundos até ter certeza de que ninguém me surpreenderia, só então subi os quatro lances de escada e encontrei a porta que seria a do apartamento onde eu passaria os próximos meses.

Do lado de dentro, relaxei. Não demorei na sala, mas vi que, além de uma mesa de canto com duas cadeiras, havia apenas um televisor pequeno e antigo. *Melhor do que nada*, pensei com gratidão, enquanto caminhava até a porta do único quarto onde encontrei uma cama de casal forrada com dois travesseiros que pareciam novos. Agradei mentalmente a Caleb. Ele não tinha obrigação com nada daquilo e ainda assim o fez.

Com cuidado, coloquei meu filho sobre a cama. Ele se encolheu. Puxei o cobertor novo sobre o corpinho miúdo e levantei. O pequeno guarda-roupa parecia imenso para as poucas coisas que tínhamos. Peguei dentro da mochila a tesoura e as duas caixas de tinta, deixei a mochila no chão e fui direto para o banheiro.

Puxei o boné, conferi os fios loiros e embaraçados no espelho, ajeitei como pude com os dedos, já que não tinha escova, e fechei os olhos. Não podia me permitir sofrer por aquilo. Era só cabelo. Abri os olhos, separei duas mechas e as deixei à frente do corpo. Segurei a primeira, escolhi a altura e cortei. O volume que ficou em minha mão fez meus olhos se encherem de lágrimas, mas não as derramei. Conferindo o tamanho, fiz o mesmo com a outra mecha.

Adeus fios longos.

Passei os dedos pelo que ficou dos fios, sobre os ombros, uma vez que os fios mantinham-se domados pela última ida ao salão de beleza para escovar e pranchar. Abri a primeira caixa de tinta, preparei a coloração e, desta vez com todo o cuidado, pois precisava fazer parecer real, derramei a tinta preta nas divisões do couro cabeludo, depois nas pequenas mechas separadas, até que atingisse todo o meu cabelo.

Enquanto aguardava pelo tempo recomendado, lavei as mãos e voltei à sala. Um pequeno quadrado que caberia apenas um sofá de dois lugares, se eu pudesse comprá-lo. Graças a Deus tínhamos a mesa e as duas cadeiras. Na cozinha, abri os armários abastecidos com comida. Pouca. O fogão de duas bocas ficava sobre o alumínio da pia, dividindo espaço com o escorredor de pratos. Um pequeno botijão de gás ficava dentro do armário debaixo, onde algumas panelas antigas e desgastadas estavam à minha disposição.

Ao lado da cozinha, havia um pequeno corredor com uma lavanderia ao final e um único varal de roupas. No mesmo instante, tirei a camisa masculina e longa que usei durante todo o percurso da minha fuga, assim como a calça jeans, e coloquei de molho. Fora isso, eu tinha mais três mudas de roupas, todas arrumadas para o caso de eu conseguir um emprego.

Voltei à sala e me senti tentada a ligar a TV e buscar por notícias. Joel não alardearia a minha fuga, contudo, eu não sabia de fato o que esperar de alguém como ele. Decidi não ligar a TV. Não queria que as pessoas soubessem que naquele horário havia alguém no apartamento. Então decidi tirar a tinta do cabelo.

Entrei no chuveiro, que pelo menos tinha água quente, e lavei o cabelo com o shampoo que comprei para meu filho em um dos postos que paramos, depois usei o hidratante que fazia parte do conjunto de tinta e desembaracei os fios com os dedos. Quando me encarei no espelho, mal me reconheci.

A garota jovem e bonita, que um dia sonhou em ser Miss Universo, desapareceu. Deixou em seu lugar uma mulher com olheiras, uma sutil marca arroxeadada na bochecha, e fios curtos e escuros na cabeça. Busquei uma camiseta de manga comprida e uma calcinha limpa, mas me recusei a deitar ao lado do meu filho.

Tudo em mim me mandava para a cama. Meu corpo tinha necessidade de tudo, mas o sono era o que mais me perturbava, no entanto, apesar de Caleb ter certeza de que ninguém sabia da nossa localização, eu não conseguia relaxar. A partir dali, seríamos eu e meu filho, e ele tinha apenas seis anos, logo, eu precisava protegê-lo e me proteger.

Em alerta, levei uma das cadeiras até a porta, encostei-a na maçaneta e sentei no chão, com o pequeno cobertor que antes cobria meu filho. Havia em mim a certeza de que eu nunca mais conseguiria dormir em paz.

1

Carina

– Tem sucrilhos?

A voz baixa e tímida do meu filho chegou até a cozinha, onde eu estava. Abri o armário da parede contrária à pia e busquei a caixa. Sacudi-a para ter certeza de que não havia o suficiente e, o que tinha, com certeza estava mole e velho.

– Só um pouco – avisei.

Abri a geladeira, tão velha que soltava ferrugens no chão todas as vezes que eu a movimentava, e peguei a caixa de leite. Pouco também. Mordi o lábio inferior, insegura. Há uma semana nos mantínhamos presos em casa. Theo não podia nem olhar pela janela. As cortinas velhas e rasgadas em alguns pontos foram uma cortesia da antiga moradora que as deixou para trás. Elas serviam para nos manter seguros.

Tudo o que tínhamos na despensa era o que Caleb tomou o cuidado de deixar e que eu, milagrosamente, consegui fazer durar por sete dias. No entanto, o momento de sairmos se aproximava e me aterrorizava na mesma medida. O pouco dinheiro que tinha nos sustentaria por mais um mês, no máximo. Eu não podia me arriscar e pedir ajuda à Lícia, minha antiga amiga e irmã de Joel. Não. Nós nunca mais poderíamos nos falar.

Paralelo à isso, Theo precisava estudar. O ano letivo já havia iniciado, e ele cursaria o primeiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, uma etapa

crucial e obrigatória. Porém, apesar de meu filho demonstrar entendimento sobre nossa situação, havia um risco real de ele falar alguma coisa e colocar tudo a perder.

Peguei a tigela, a caixa de sucrilhos e o leite e levei para a mesa da sala, onde ele me aguardava com paciência. Theo me assistiu fazer a mistura e colocá-la à sua frente, mas não a atacou de imediato. Sentei-me, me servi de café para mim no copo de vidro, um dos quatro disponíveis na casa, e peguei metade do último pão, sob seu olhar atento do meu filho.

— O que foi, não vai comer?

— Posso ir ao parque hoje?

O problema não foi o pedido. Em algum momento, Theo precisaria sair, estudar, fazer amigos. O que doeu em mim foi o olhar triste de uma criança de seis anos que me pedia algo, ainda que tivesse a certeza de que eu não deixaria.

Dei um gole no café preto, já que usei o restante do leite para os sucrilhos do meu filho e busquei a melhor maneira de iniciar aquela conversa. Theo me encarava com seus olhos verdes tristes e com os fios negros, pintados também, pois precisávamos tirar dele o aspecto de menino sulista, loiro, que poderia ser identificado tão rápido.

— Theo, como é o seu nome?

— Theo — respondeu, depois mordeu os lábios e baixou os olhos. — Theodoro. — completou, por fim. — Não posso mais ser o Matheus.

Toda a esperança que começava a crescer em mim, se desfez.

— O que conversamos?

— Que eu não posso mais ser o Matheus.

— Que você não pode nem dizer isso. Eu te expliquei...

— Eu sei. O papai vai nos achar se eu contar o meu nome.

E doía mais em mim o fato de ele saber o quanto o pai dele era perigoso, do que as cicatrizes ainda evidenciadas em meus pulsos.

— Ou outras pessoas más — eu disse, com cuidado. — Hoje você é o Theodoro Passos. Repita comigo.

— Theodoro Passos — repetiu com sua voz tímida e infantil.

— Isso. E quem é a sua mãe?

— Carina.

— Isso, agora eu sou a Carina.

— Não posso te chamar de mamãe na frente das pessoas?

Eu sorri sem alegria.

— Claro que pode, Theo. Eu continuo sendo a sua mãe.

— Mas o papai não pode ser mais o papai — ele completou.

— Isso. Para as pessoas, seu pai foi morar no céu.

Ele concordou e manteve o olhar baixo.

— Não vai comer?

— Tá mole — explicou. Meus olhos voltaram a ficar marejados.

— Porque você demorou demais para comer, filho. Come esse, que hoje vamos ao mercado comprar mais.

A promessa deu um brilho diferente à pele pálida da criança. Eu sabia que o que eu tinha não daria para muita coisa, e ainda precisávamos de tantas outras! Eu teria que matricular Theo em uma escola em período integral, assim seria mais fácil mantê-lo longe, além de me ajudar com a procura de um emprego. Com isso, teria gastos com uniforme e livros e eu não sabia se tinha o suficiente para tanto. Também precisava de mais algumas roupas, tanto para mim quanto Theo, além de abastecer a despensa.

Mas não abordaria aquele assunto com meu filho. Ele só tinha seis anos, não entenderia, e também nada poderia fazer. Por isso, finalizamos o café da manhã com um assunto fácil, o desenho animado que Theo mais gostava, e assim pude vê-lo mais leve, longe da realidade terrível e sufocante que nos cercava.

— Tem certeza de que gostou da escola nova?

Perguntei a Theo, ao ajustar o boné que ajudava a esconder seu rosto. Continuava frio em São Paulo, apesar de nos noticiários afirmarem que a frente fria abandonou a cidade. Para mim, ajudava. Era a nossa primeira vez na rua entre pessoas estranhas, onde qualquer um poderia ser um informante. Não podíamos confiar em ninguém. Roupas largas nos escondiam, bonés ou casacos com capuz também. Sem contar que o moletom ajudava a esconder as marcas em meus pulsos, ainda que eu pudesse disfarçá-las com relógio e pulseiras.

Na nossa primeira saída, antes mesmo de irmos ao mercado, fomos na escola infantil que ficava no final da rua. Era discreta e segura. O preço para o período integral foi maior do que imaginei, o que me limitaria ainda mais, entretanto, a dona da escola ficou comovida quando relatei que fiquei viúva há pouco tempo e que nos mudamos para São Paulo para que Theo não precisasse viver na mesma casa onde viveu com o pai. Ainda me aproveitando da história mentirosa que inventei para a nossa nova vida, contei a ela que a psicóloga sugeriu que não fizessem perguntas a Theo, para que, assim, ele pudesse se adaptar melhor. No final, paguei o valor solicitado, mas ganhamos os livros e o uniforme, o que ajudava bastante.

— Você já pode começar amanhã. — Tentei animá-lo, que permanecia quieto e com o olhar baixo. — Tem um parque e amigos, Theo.

— Você vai me deixar lá? — ele sussurrou, tão baixo que, no meio do mercado, com tantas pessoas falando ao mesmo tempo, eu quase não o ouvi.

Abaixei à sua frente, segurei seus ombros frágeis e o fiz me olhar.

— Eu nunca vou te abandonar, meu amor! Estou aqui com você para que você seja feliz.

Theo se atirou em meus braços e chorou. Comovida, sem saber como reagir em um lugar público, com pessoas estranhas que passavam e nos olhavam com curiosidade, carreguei meu filho e abandonei o corredor. Deixei o pequeno mercado com ele ainda no colo e, do lado de fora, coloquei no chão.

— Theo, por que está chorando?

— Eu não quero ficar sozinho — ele confessou de uma forma que rasgou meu coração.

Tudo em meu filho era medo e dor. De onde saímos, ele tinha uma vida de luxo, cercado de atenção, com roupas, brinquedos e tudo o mais que poderia fazer uma criança feliz, contudo ele não era, porque vivíamos um inferno e meu filho precisou assistir e sofrer as piores coisas. Ele não podia continuar naquela vida. Eu não podia.

Mas deixar tudo para trás e fugir, também mexeria com o psicológico dele. Ali não havia babás, brinquedos, luxo, primos ou filhos dos capangas do pai dele. O que nós tínhamos era apenas um ao outro e eu acreditei que bastaria, mas não bastava.

— Meu amor — eu disse, ao limpar as lágrimas que desciam em seu rosto. — Na sua antiga escola, quando você voltava, eu sempre estava lá, não é? — ele concordou. — Não vai mudar. Eu estarei aqui todos os dias. Vou te levar e te buscar. E todas as noites vamos ficar juntos, só nós dois.

— Promete?

— Prometo.

— De dedinho?

Eu sorri, ainda que quisesse chorar.

— De dedinho, meu anjo.

Mas eu não sabia que, em menos de dez dias, tudo mudaria, e que com isso, minhas promessas não passariam de palavras soltas no ar.